



UNEB ANÃNSI

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
REVISTA DE FILOSOFIA,
SALVADOR, ISSN: 2675-8385

Andressa Lima Batista

Graduanda em Museologia pela Universidade Federal da Bahia. Membro da Rede *Museologia Kilombola*.

O curta *Com dois te colocaram com três eu te tiro* (2021) traz a narrativa das rezadeiras da Bahia para discutir uma medicina popular que resiste na sociedade até os dias atuais, promovendo experiências com saberes ancestrais. As rezadeiras são guardiãs da memória que preservam oralmente a tradição de geração em geração, promovendo curas através do rezar e do benzer. Ladainhas são feitas como mantras. Entende-se que todo *um* problema, que na verdade são *dois*, é removido por uma terceira energia. Para as rezadeiras a cura está além da dimensão física, envolve também a espiritualidade e a conexão com a natureza. Utilizando rezas, benzeduras, ervas medicinais e seus óleos essenciais, elas direcionam seus interesses de cura para o corpo, a mente e o espírito de quem as procura.

Guardiãs que creem que a doença é também um desequilíbrio energético e, por meio de suas práticas ancestrais, buscam restabelecer a harmonia e o equilíbrio perdidos.

< Produções do Encontro Baiano de
Filosofia, Imagem e Cinema / Resenha >

“Fé que cega fica amolada” a prática de curar, rezar e benzer: resenha de *Com dois te colocaram com três eu te tiro*, de Carla Almeida

Essa tradição valoriza a relação íntima entre o ser humano e a natureza, trabalhando com o poder curativo das plantas e a importância de se viver em harmonia com o meio ambiente. A cura, nesse contexto, é vista como um processo holístico, que envolve a harmonização do indivíduo com seu entorno e a busca por uma conexão profunda com o sagrado. O conhecimento transmitido pelas rezadeiras é valioso e representa uma forma de resistência cultural, preservando tradições e saberes que, de outra forma, poderiam se perder no tempo.

A prática da cura por meio de rezas e benzeduras remonta a tempos ancestrais e está enraizada nas crenças populares e religiosas de diferentes culturas. A análise antropológica dessa tradição evidencia a importância da oralidade na transmissão do conhecimento, bem como a resiliência dessas mulheres em manter viva uma forma de medicina ancestral, que muitas vezes é marginalizada ou ignorada pelos sistemas de saúde dominantes.



O curta da cineasta Carla Almeida aborda de forma narrativo-descritiva esse saber-fazer através das vivências de três rezadeiras que lidam de forma rotineira com pessoas que procuram seus serviços. Além das rezadeiras, há entrevistas com rezados, pessoas que contratam os serviços, e com um cientista. O cientista em questão aparece na película como um contraponto e traz uma abordagem histórica reforçando a ideia sincrética do fazer, tentando encaixar uma lógica eurocentrada e ocidental que não cabe na lógica da reza. Por ser uma prática hereditária e oral tal abordagem linear – cronológica e historiográfica – se mostra simplória diante da complexidade da tradição. Por isso a interpelação partindo da via antropológica se torna a mais

adequada, sem encaixar a prática em cosmovisões que não são suas, pois o saber-fazer das rezadeiras deve ser trabalhado a partir do seu desenvolvimento (físico, social, cultural), modo de agir, peculiaridades raciais, costumes, crenças e raciocínios próprios

Assumindo uma perspectiva de documentário, a obra intercala os depoimentos com imagens da prática. O sincretismo é algo que envolve a reza a todo instante, ora pelas religiosidades ora pelas religiões, embora a narrativa poderia ter aproveitado melhor a temática ao explorar aspectos mais profundos da tradição, as histórias individuais dessas mulheres, suas experiências pessoais e como elas se tornaram rezadeiras. Além disso, poderia ter explorado a relação entre a cura

espiritual e a prática da medicina tradicional, não enxergando a reza como apenas uma alternativa, mas uma prática que age integrada com a medicina tradicional. Também seria interessante abordar os desafios e preconceitos enfrentados pelas rezadeiras na sociedade contemporânea, bem como a importância de sua preservação como patrimônio cultural.

É necessário refletir sobre a abordagem cultural, buscando compreender e respeitar as tradições e acreditar nas rezadeiras, evitando qualquer tipo de apropriação cultural. Ao superar esses limites, o documentário se torna uma ferramenta poderosa para valorizar e preservar o saber fazer das rezadeiras da Bahia, além de contribuir para um maior entendimento e respeito às práticas tradicionais e espirituais, o que promove tolerância religiosa e o respeito mútuo às diferentes manifestações da religiosidade.